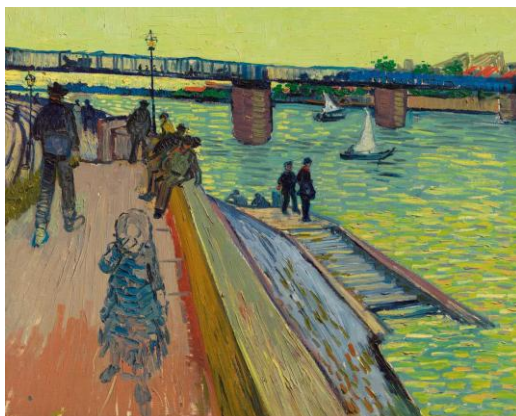


FILHOS QUASE ADULTOS: A PONTE QUE NINGUÉM ENSINOU A ATRAVESSAR

Psicanalista Renata de Masi



Obra: A Ponte de Trinquetaille, Vincent Van Gogh, 1888

Existe uma fase da parentalidade sobre a qual quase ninguém fala com honestidade:

- A infância tem roteiro.
- A adolescência também.

Mas existe uma ponte silenciosa, confusa e emocionalmente exaustiva chamada: “filhos quase adultos”.

São filhos que já não são crianças, mas ainda não sustentam completamente a própria vida.

Filhos que já têm desejos próprios, opiniões próprias, caminhos próprios..., mas que ainda oscilam entre autonomia e dependência. E talvez uma das maiores angústias dos pais contemporâneos seja justamente essa:

- Como ajudar sem infantilizar?
- Como soltar sem abandonar?
- Como não empurrar antes do tempo?
- E como não deixar ficar para sempre?

Porque a saída dos filhos de casa mudou e isso precisa ser dito sem moralismo.

A contemporaneidade alterou profundamente o tempo do amadurecimento:

- formação mais longa,
- mercado instável,
- excesso de estímulos,
- fragilidade emocional crescente,
- dificuldade de sustentar frustração,
- dependência financeira prolongada,
- medo intenso de falhar.

Ao mesmo tempo, muitos pais também mudaram.

Grande parte deles passou a organizar a parentalidade não mais apenas pelo eixo da autoridade, mas pelo eixo da culpa. E aqui nasce um dos maiores conflitos psíquicos dessa fase: “Eu posso dar..., mas talvez não devesse.”

Porque o fato de um pai ou uma mãe poder ajudar financeiramente não significa que toda ajuda fará bem.

Essa talvez seja uma das ideias mais difíceis de sustentar emocionalmente na clínica: às vezes o excesso de ajuda impede amadurecimento.

E isso não acontece por maldade, acontece por amor, mas um amor atravessado por medo, culpa e dificuldade de separação.

Existe uma dor específica em assistir um filho sofrer diante da realidade adulta:

- pagar contas,
- frustrar-se profissionalmente,
- perceber limites,
- sustentar escolhas,
- lidar com solidão,
- enfrentar rejeições,
- descobrir que liberdade também exige responsabilidade.

Muitos pais, ao verem esse sofrimento, tentam anestesiar o processo:

- resolvendo demais,
- financiando demais,
- organizando demais,
- protegendo demais.

Mas amadurecer exige encontro com a realidade.

Winnicott já dizia que o desenvolvimento saudável depende não apenas de cuidado, mas também da capacidade gradual de suportar frustrações e desilusões necessárias. Nenhum sujeito amadurece sendo protegido de toda angústia.

Ao mesmo tempo, também existe outro extremo: pais que empurram os filhos prematuramente para uma independência emocional e financeira que eles ainda não conseguem sustentar, e isso também produz sofrimento, porque autonomia não nasce de abandono, ela nasce de travessias acompanhadas.

Talvez o grande desafio dessa ponte seja justamente encontrar a diferença entre:

- sustentar
- e
- substituir.

Sustentar é ajudar alguém enquanto ele constrói recursos internos.

Substituir é ocupar permanentemente o lugar que já deveria estar sendo desenvolvido pelo próprio sujeito.

E essa diferença nunca é totalmente objetiva, por isso essa fase costuma produzir tanta confusão nas famílias.

Os filhos sentem culpa por ainda precisarem.

Os pais sentem culpa por ainda ajudarem.

E ambos frequentemente se perdem entre:

- amor,
- dependência,
- medo,
- responsabilidade e dificuldade de separação.

Mas talvez exista uma pergunta simples que organize parte desse caos: “Essa ajuda está construindo autonomia ou evitando crescimento?”

Porque existe uma grande diferença entre:

- ajudar um filho a atravessar uma fase
e
- impedir que ele encontre a própria vida.

A clínica contemporânea mostra algo importante: muitos jovens adultos não sofrem apenas por excesso de cobrança, sofrem também por excesso de proteção.

Foram tão poupados do impacto da realidade que não desenvolveram confiança emocional para sustentá-la, ao mesmo tempo, muitos pais chegam exaustos, porque amar um filho quase adulto exige uma operação psíquica muito difícil: aceitar que ele precisa tornar-se separado de você, sem que isso seja vivido como rejeição.

Talvez por isso essa fase doa tanto, porque ela exige que pais e filhos amadureçam juntos.

Os filhos precisam aprender que independência não é fazer apenas o que se quer. É sustentar consequências.

E os pais precisam aprender que amar não é impedir toda dor, é ajudar o filho a desenvolver recursos para suportar a vida sem perder a humanidade.

No fundo, a grande pergunta dessa fase talvez seja: como criar um sujeito capaz de existir por conta própria, sem transformar autonomia em solidão e sem transformar amor em aprisionamento?

Não existe resposta perfeita. Existe apenas uma travessia possível: menos idealizada, mais honesta, e sustentada pela compreensão de que amadurecer nunca foi um ato instantâneo.

É um processo. Às vezes lento. Às vezes ambivalente. Mas profundamente humano.